Paula Giannini
Auto para Maria + cordel de amor
AUTO
para
MARIA
cordel de amor
de Paula Gianni

AUTO PARA MARIA

Cordel de amor

De Paula Giannini

PALCO das Letras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giannini, Paula
Auto para Maria : cordel de amor / Paula Giannini. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : ACTC : Palco Produções Artísticas Ltda (Palco das Letras), 2022.

ISBN 978-65-999102-0-3

1. Cultura popular - Brasil 2. Literatura de cordel - Brasil, Nordeste 3. Tradições populares - Brasil I. Título.

22-133483 CDD-398.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura de cordel 398.5

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

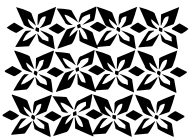
Palco das Letras

(11)982497839 (41)999815273 –

palcoproducoes@hotmail.com

Por 600 contos de livros...

Para Paulo Roberto Cruz Rydlewski



PREFÁCIO

Tudo começa por uma ciranda. De mãos dadas, constrói-se o amor.

Em *Auto para Maria – Cordel de Amor*, Paula Giannini recria uma das mais belas histórias que habita nosso imaginário, e mantém nossa esperança no futuro.

"E o tempo perguntou pro tempo / Quanto tempo você tem?"

"O tempo é alado", nos lembra Paula, ele voa, escapa da palma de nossas mãos, mas ele não leva tudo. O amor fica, ele sempre fica.

Na saga de Maria, amor da vida de José, mulher boa de coração, a quem o Anjo confiou a proteção de uma abóbora mágica e misteriosa, acompanhamos a narrativa de um dos momentos mais festejados e lúdicos da nossa cultura, o Natal.

Devido à atemporalidade e à significação do Natal já valeria a obra, mas Paula inova na roupagem literária: na linguagem, na construção dos personagens, no cenário.

Em forma de cordel e preparado para ser encenado, este auto natalino está repleto de elementos do folclore brasileiro: o Caipora, a sereia Iara, o Cazumbá. A história é recontada no seio da cultura brasileira e dos povos primitivos, os africanos, os ciganos, os indígenas, em linguagem simples e lúdica.

Montados na mulinha de ouro Toledo, Maria e José desbravam o Brasil, da foz do Rio Amazonas à terra dos Pinhais, protegendo-se dos perigos do caminho e do mundo, até o momento do nascimento do fruto da abóbora.

É um cordel encantador, do qual emanam a riqueza e a diversidade de parte da nossa história.

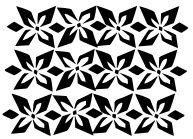
Leitores e plateias de todas as idades se encantarão com essa saga mágica.

"Para brotar, busquem terras de Pinhão." Até o nascimento, sigam a estrela.

Nunca percamos a esperança!

Sabrina Dalbelo

poeta brasileira



"Mandei fazer uma casa de farinha

Bem maneirinha que o vento possa levar

E passa sol, passa chuva, passa vento

Só não passa o movimento de ver o tempo passar

(Casa de Farinha - domínio público)

UM PÁSSARO

(Música – Ciranda)

(Atores dançam a tradicional ciranda – é dia de festa em uma pequena cidade do norte, no interior do país)

ATOR 1

Eu quero contar pra vocês uma história

Brotou em meu peito qual verso de amor

Não sei se adivinho a voz do criador

Só sei que é uma saga de amor e de glória!

Eu trago comigo, joia na memória

Aquilo que sei, passarinho contou...

O dia que o anjo, a menina amou.

Maria menina era doce, era bela,

Diamante em seu peito cantava pra ela.

E foi desta forma, assim começou!

(Ator manipula passarinho – é a pomba do Divino – traz no bico uma fita cor-de-rosa)

(Vai até Maria)

(Som de guizos ou de sinos)

PASSARINHO

Menina bonita do meu coração,

Vem, segue comigo, te conto um segredo

Cantiga de amor não precisa ter medo...

Vem, segue comigo, me dê sua mão

Vem, segue o destino, não diga que não

Mandou-me aqui, foi um anjo menino

Que viu em seus olhos o linho mais fino

Precisa um tesouro a alguém entregar!

Se apressa, menina, não posso esperar

O sol tá caindo, dia é quase findo

(É fim de tarde – o pássaro se vai) (A festa continua)

JOSÉ

Maria bonita, não diga que não

Concede esta dança, este lindo folguedo

Cupido flechou coração, tive medo

Amor é tão grande que dói de emoção

MARIA

Sim, danço contigo, mas tem condição

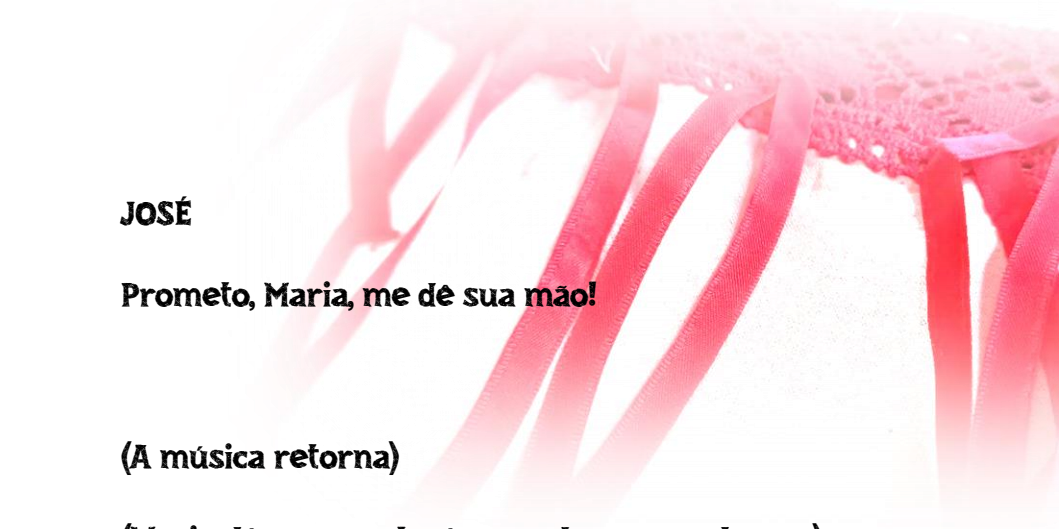
Paixão nossa é linda, é até desatino

Promessa trancada em baú pequenino...

Prometa em seu peito pra sempre guardar

O tempo é alado, vai logo passar.

Fiel, dá-me a vida, a sorte e o destino



JOSÉ

Prometo, Maria, me dê sua mão!

(A música retorna)

(Maria dá a mão a José, que a leva para dançar)

(A ciranda volta a se formar – os atores se revezam, Maria passeia por toda a roda até, bem no centro da cena, chegar a José)

ATOR 2

Olha, chuva forte não é brinquedo!

(José beija Maria suavemente e foge) (Maria fica só)

(A chuva cai)

ATOR 1

Era mês de março, guardo de memória

Parece que a chuva é choro de dor

Mas é na verdade pranto de louvor!

Pois água em março é flor perfunctória

É água que traz até ave migratória...

E assim neste dia a menina encontrou

Amor verdadeiro José revelou.

MARIA (Para si)

Hoje a Santo Antônio acendo uma vela!

ATRIZ 1

Porém o futuro guardava pra ela

A flor de um destino que nunca sonhou

(Passarinho volta a se aproximar de Maria – desta vez a fita em seu bico é azul)

PASSARINHO

Maria das dores de meu coração

Azul é esta fita, pra pôr em teu dedo.

Um laço daquele que é teu rochedo

Foi Deus quem mandou, não me diga que não

MARIA (brincalhona)

Em fita azulada não ponho a mão.

Dourada! Essa cor tem o laço mais fino...

Corre, passarinho, vai logo levar

Recado ao tal anjo, vai sem demorar!

PASSARINHO

Eu volto, Maria, ao tocar do sino. (Sai)

CAIPORA

(O vento canta entre folhas)

(Maria acena ao passarinho que se vai ao longe)

(Atrás de Maria está o Caipora – ágil e matreiro, com seus cabelos de fogo, meio homem, meio bicho)
(Maria não o percebe de pronto)

(Caipora assobia, imitando bichos diversos)

CAIPORA

Se um pinheiro canta uma doce canção

Ao roçar do vento em seu arvoredo...

Te conto, guria, o que não é brinquedo

Ou vai dar noivado ou vai dar pinhão!

MARIA (Vira-se assustada, mas simpatiza com a criatura).

É noivo então, pois aqui não dá pinhão!

Me diga quem é? Tem um pelo tão fino...

É tão colorido e tão pequenino!

(Maria passa a mão na cabeça de Caipora)

CAIPORA (emocionadíssimo)

Com tanto carinho vou até chorar...

(De súbito, estende o pé – está machucado)

O espinho em meu pé poderia tirar?

(Escandaloso)

Mas vá devagar, pois senão vou saindo!

MARIA

Deus meu, que escândalo, um baita *homão!*

Dá cá o seu pé, não precisa ter medo

Eu tiro o espinho com um toque do dedo

Vem cá, meu amigo, pra quê aflição?

CAIPORA

Caipora é valente, não duvide não!

(Caipora estica o pé e fecha os olhos) (Som – Maria retira o espinho com gesto gracioso).

CAIPORA (Sem perceber que o espinho já foi retirado)

Não sou homem não, ainda sou menino

Os olhos fechei, avise quando findo

Ai, ai, tá doendo, já vou é chorar

Ai, ai, tá doendo, eu vou é gritar!!!

MARIA

Mas já terminou, eu estou é me rindo!

CAIPORA (abrindo os olhos – está livre da dor)

Oh, Imaculada, que doce emoção

Eu assim lhe chamo ainda que cedo

Será o meu sol e será meu rochedo

Tratou Caipora como a um irmão

MARIA

Eu imaculada? Ai, isso é que não!

Só sei que é irmão: homem, ave ou felino!

CAIPORA

Por isso, Maria, segredo te ensino

Se um dia qualquer, de alguém precisar

Por medo, doença, perigo ou azar

Dá-me um assovio, que eu venho tinindo

(Caipora entrega à Maria um de seus apitos que imitam sons de bichos e sai, repetindo seu bordão sem parar, em vários tons, até desaparecer)

CAIPORA

Se um dia qualquer, de alguém precisar

Por medo, doença, perigo ou azar

Dá-me um assovio e venho tinindo

(Sons de bichos diversos)

(Maria, mais uma vez distraída, não percebe a chegada do pássaro, que desta vez traz um laço dourado).

PÁSSARO

Laço cor-de-rosa era de estimação

Azul a santinha não quis pôr no dedo

Eu trouxe um dourado, não quero brinquedo!

É hora, Maria, me dê sua mão

MARIA

Com prenda tão linda não digo que não

Tem só uma coisa que eu não atino

Por que este anjo me faz tanto mimo?

PÁSSARO

Ah! Tudo a seu tempo vai se revelar

De coisa de anjo não devo falar

Vem logo, Maria, o céu tá se abrindo.

(Música instrumental – Efeitos)

(Maria segue o pássaro – os atores formam um caminho com arcos de flores – Maria passa por baixo dos arcos).

O ANJO

(Maria chega à morada do Anjo – entra vagarosamente)

ANJO

Maria é chegada, faz-se a escuridão.

(Maria se assusta – não havia percebido o Anjo) (Em uma de suas mãos, o Anjo tem uma caixa azul – de dentro retira uma estrela acesa, que entrega à Maria).

ANJO

Pra tal formosura o sol põe-se mais cedo

Vem aqui, senhora, esquece do medo

Rainha formosa, flor de inspiração

MARIA

Meu anjo, tal honra não mereço não

Me trouxe aqui um pombo pequenino...

ANJO (Rindo)

Seguiu ordem minha e te trouxe com mimo

Sou anjo, Maria, pode confiar

Um grande tesouro lhe vou entregar!

Percebo, menina, que já está sorrindo

MARIA (Cobre a boca – sem graça)

Desculpa, Seu Anjo, não faço mais não!

Me honra, meu santo, seu doce segredo

ANJO (Nas mãos do anjo surge uma abóbora)

Maria, o sorriso faz parte do enredo

Por isso escolhemos você pra missão

Escute com calma a minha instrução

Conhece este fruto do chão nordestino?

Da rosa é irmão, do melão ele é primo

Por todo Brasil você deve levar

Mas não fale dele até madurar

Pois lá dentro já dorme o tesouro mais lindo

(O Anjo entrega a abóbora para Maria) (Música suave)

MARIA (Segura a abóbora como a um bebé)

Nem sei o que digo, que doce emoção!

ANJO

Aquece, protege e rega bem cedo

Contar a alguém é o engano, guarda segredo.

MARIA

Que seja o silêncio a minha oração

ANJO

Atrás do tesouro, as bestas virão

Mas nada eles podem, te guia o divino!

Tinhoso te tenta e cobre de mimo

Com língua matreira ele tenta enganar...

Protege o tesouro custe o que custar

E após nove luas o sol vai surgindo

MARIA

Confesso, meu anjo, não entendo não

Quem quer uma abóbora ter em segredo?

De coisa de anjo nada sei, tenho medo

ANJO

Escute, Maria, me preste atenção!

Quando deste fruto ouvires um hino

Ele vai se abrir e vai tocar um sino.

Onde o sol é manso vai se revelar

Tesouro mais raro não pode sonhar

Caminho é bem fácil, vem cá, que eu te ensino!

(Maria se aproxima – O Anjo sopra nela pequeninas pétalas de rosa) (Maria espirra, o Anjo ri)

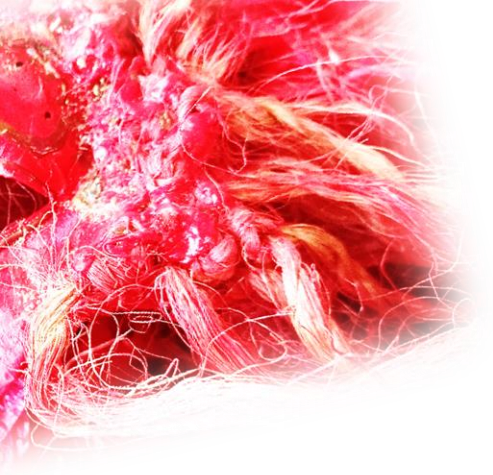
(Maria coloca a abóbora dentro de um grande bolso em sua roupa – A abóbora, dentro do bolso, confere à moça a impressão de gravidez)

ANJO (Sai)

Confio à Maria o meu coração!

(Maria olha para a abóbora em sua barriga – Surge José, este cavalga uma Mulinha de Ouro, estilo Bumba Meu Boi)

(José faz evoluções em torno de Maria – exibindo-se para a moça) (Em uma das mãos, ele traz a Bandeira do Divino – Cobre-se com um manto para cavalhada)



CAZUMBÁ

(Música)

eu sou poeta, faço versos, sou artista

o meu sonho equilibrista é trapezista do amor

na lua cheia fiz com todas as estrelas

um cordel de mil palavras

pra cantar pro meu amor

JOSÉ

Saudade me deixou um tantinho azedo

Então o alazão batizei Toledo

Se acaso não gostar, diga um nome então

Só não posso deixar o bicho pagão

MARIA (sorri)

José! Como foi que me achou, meu lindo?

JOSÉ

Um anjo me mandou aqui te buscar

Vem, pegue a garupa, vamos viajar

Monte o alazão, já estamos partindo!

ATRIZ 1

E assim é que neste dia de glória

O jovem casal foi pro interior

Montando um cavalo de raro valor.

Mas qual era o rumo, quem é que sabia?

A estrela do anjo brilhava, era guia

Levavam um tesouro que ninguém sonhou

Pras terras mais lindas que ela imaginou...

Maria cuidava, cantava pra ela

E José namorava a menina mais bela

E assim neste dia a esperança reinou!

(Música – José e Maria seguem caminho – coreografia, sobem serra, descem serra, vão para frente, vão para trás, passam por alguns dos atores, acenam).

(Quando a música termina – sorrateiramente surge Cazumbá – maldoso, o personagem se faz passar por comerciante – caixeiro viajante – traz inúmeros produtos consigo: flores, pequenos frascos de perfume, água).

CAZUMBÁ (tentando se fazer perceber)

Que lindo casal, mas que situação...

Eu vendo produtos, são lá de Penedo.

(Maria e José não o percebem).

CAZUMBÁ

Vejo que o casal ou tem pressa ou tem medo.

Entendo, são jovens e temem ladrão!

Sou comerciante, roubar, roubo não...

Tem tecido de cor, é tudo novinho.

Água de cheiro, flor, fralda pro menino!

(Cazumbá faz gesto em direção à barriga de Maria – à abóbora)

JOSÉ (recuando)

Agradecido, não vamos precisar.

CAZUMBÁ

Que é isso, meu moço, deixe eu falar...

MARIA (Ri) (Segreda a José)

Ele pensa que a barriga é menino...

CAZUMBÁ (Súbito e ansioso)

Um gole de água lá do ribeirão?

Fresquinha e barata, peguei logo cedo,

Se não tem dinheiro, a troca eu concedo.

(Cazumbá oferece um gole – Maria faz menção de aceitar, José, desconfiado, interrompe o gesto).

JOSÉ

Agradecido, não precisamos não!

MARIA

Um só golinho não vai fazer mal não.

JOSÉ

Está com sede, flor da minha paixão?!

CAZUMBÁ

Ouvi ou não? Isso aí não é menino?

Barriga d´água!? Eu tenho quinino!

(Cazumbá mostra outro objeto, um frasco com quinino) (Maria, desconfiada segura a abóbora em sua barriga)

CAZUMBÁ (agressivo)

Pela abóbora, dou o que precisar!

JOSÉ

Como sabe o que é sem ninguém falar?

Vamos, Maria, o sol já está caindo.

CAZUMBÁ (furioso)

Casal tão esperto é até maldição.

Me dê isso já. Não estou pra brinquedo!!!

JOSÉ

Come estrada, Alazão, não seja moledo.

Vote, sai pra lá. Isso é assombração!

Você é Cazumbá... Não me engana não...

(José e Maria saem em disparada)

CAZUMBÁ (ainda mais furioso)

Ai, meu tesouro! Volta aqui, casalzinho!!

Sou Cazumbá, não desisto assim facinho

Eu vou voltar, não perdem por esperar...

Logo em minhas mãos vocês vão entregar.

Todos têm seu preço, não tarda eu ensino!

SANTOS REIS

ATRIZ 1

Da saga, esta aqui é a divisória

Assim que o casal percebeu com horror,

Que perigo corria o tesouro de amor.

Fugiam de noite, dormiam de dia,

Revelar-se o tesouro, quando é que iria?

Tentavam entender o que o Anjo falou,

E pras terras distantes o baio andou.

Seria o tesouro uma aquarela?

Ouro, alimento, prataria ou baixela?

(tempo)

Até que um dia a estrela brilhou!

(Entram três meninos em grande algazarra – São pedintes de reisado – os Reis Magos – Baltazar, jamais sorri – Belquior e Gaspar, brincalhões – trazem espadas e coroas de brinquedo).

BALTAZAR (empunhando espada – muito sério)

Digo bambalalão, senhor capitão

GASPAR (ri)

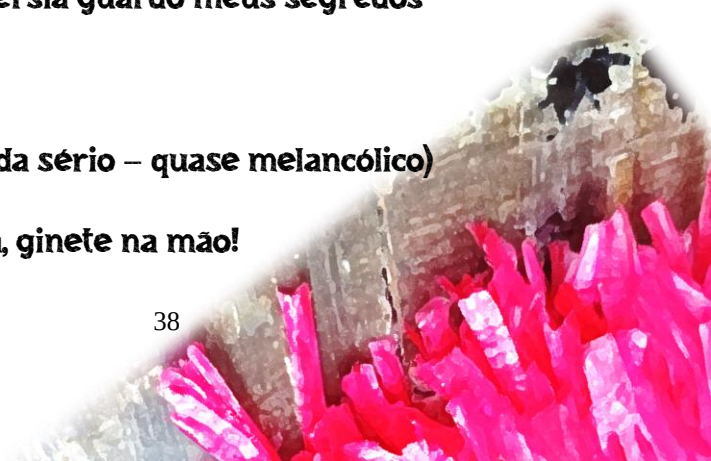
Eu sou rei da Índia, vim lutar sem medo!

MELCHIOR (ri)

Em terras da Pérsia guardo meus segredos

BALTAZAR (ainda sério – quase melancólico)

Espada na cinta, ginete na mão!



GASPAR (ainda brincando)

Pra mim, cara feia é malcriação.

MELCHIOR (provocando Baltazar)

De-me cá um sorrisinho, menininho

Abre já os dentes ou eu te ensino!

BALTAZAR

Se me provocar, paro já de brincar!

MELCHIOR

Seu pedido é uma ordem! Atacar!!!!

(Melchior e Gaspar pulam em cima de Baltazar – Algazarra – Fazem cócegas, provocam-no em

brinquedo – Baltazar permanece sério, inflexível, nada o faz sorrir).

(Música – cavalgada) (Entram Maria e José montados em sua Mulinha de Ouro) (Imediatamente, os três meninos param com a algazarra e correm até o jovem casal) (Os meninos cantam – cercam a Mulinha como pedintes de reis).

"O divino espírito santo, a tua casa a visitar,
também vem pedir uma esmola pra seu dia festejar.
Quando der a vossa esmola não se ponha a reparar
ele é pobre pra pedir, mas é rico pra ajudar..."

(Festa do Divino – domínio público)

BALTAZAR

Que Deus lhes ilumine o destino.

GASPAR

Deus pague a santa esmola de coração.

Hoje, do Espírito Santo é festejo...

MELCHIOR (à Maria)

Se não puder dar esmola, serve beijo

MARIA (acha graça)

Esmola? (procura) Tenho não...

Aqui, tenho pão! (Entrega o pão a Gaspar, com um sorriso)

GASPAR (pegando o pão – abre um largo sorriso)

Pra quem tem fome, isso é melhor que milhão!!!

(Passa o pão a Melchior)

MELCHIOR (pega o pão cuidadosamente – Sorri largamente)

Mesa farta abençoe sua união.

(Passa o pão a Baltazar)

(Baltazar nada diz, pega o pão, beija e o guarda)

JOSÉ

Você nada diz? Nem sorri, oh, menininho?!

MELCHIOR

Nunca sorri... Periga ficar mofino.

MARIA (bondosa, a Baltazar)

Que é preciso pra os dentes mostrar?

BALTAZAR

Nada, não precisa se impressionar

Mãe das graças, sou assim desde menino.

CIGANINHA DO EGITO

(Entra Cigana – figura de Pastoril com seus adereços em azul e encarnado – Largo gesto com as mãos, afasta os meninos)

CIGANA

Ahhh, menino, incomode a mãe da luz não...

Pra ela vocês deviam é cortejo!

Baltazar ainda vai fazer festejo.

(Oferece uma rosa à Maria)

Pela mãe é prometido em devoção,

À Santa virgem e ao divino coração.

Estava mal, quase à morte o pobrezinho...

A mãe lhe deu em louvor ao Deus menino!

Mas tudo a seu tempo há de se revelar.

Agora que tal a sua mão me dar?

Seu futuro, deixa eu ver o seu destino!

MARIA

Sempre quis que cigana me lesse a mão.

CIGANA (Pegando a mão de Maria)

Humm, rosas, flores, estrelas e gracejos...

JOSÉ (pegando a outra mão de Maria, brinca)

É Ciganinha do Egito, logo vejo!

CIGANA

Fruto santo, semente de salvação.

Para brotar, busquem terras de pinhão!

E lá, enfim vai surgir, devagarinho,

Aquilo que prometeu o anjinho...

JOSÉ

Mas como saber que caminho tomar?

CIGANA

E pra que têm a estrela? É pra guiar!

Tenho um presente. Frio da noite vem vindo.

(Entrega à Maria um manto azul, nele, bordados, há espelhinhos, flores e miçangas).

MARIA

Agradeço tão doce preocupação.

É lindo, tem até flor de brinquedo!

(Maria veste o manto)

CIGANA

Devem ir, enquanto é cedo.

Os espelhinhos espantam maldição!

MARIA (a Baltazar)

E você, trate de sorrir, menininho.

CIGANA

Pode deixar comigo o danadinho.

JOSÉ

E o seu nome, não vai nos revelar?

CIGANA

É Madalena, se precisar é só chamar.

MARIA

Vamos logo, ou não achamos lugar

Adeus, amiga, (a Baltazar) até logo, pequenino!

(José e Maria fazem evoluções com a Mulinha de Ouro – Eles seguem caminho) (Cigana ergue um mastro – pau de fitas – nele há cinco longas fitas coloridas)

Se eu encontro o vento

subo em suas costas e saio a voar...

Mas se encontro o tempo,

eu faço cosquinhas

e o faço voltar

prum lugar...

o meu lugar.

Minha alma, meus sonhos são deste lugar.

CIGANA

E o tempo perguntou pro tempo

Quanto tempo você tem?

E o tempo?

Ah... Este respondeu ao tempo que ele

Tem tanto tempo quanto tempo o tempo tem!"

(Inicia-se uma dança – um trançar de fitas – É o tempo passando – É o caminho de José e Maria em busca do local para se revelar a promessa e, para o lado oposto, os três reis magos a seguir a estrela).

(Fim da dança – O pau de fitas está todo trançado – A Cigana e os Meninos saem)

(Silêncio)

JOSÉ

Chegamos, doce dor de meu coração.

MARIA

Mas como? Não há casa, nem vilarejo.

Que é isso? Não acredito no que vejo!

A IARA

(Súbito, ouvem-se sons de ondas que rebentam)
(Maria desce do cavalo e sai a correr de alegria).

MARIA

É o mar, José, não creio na visão!!!

(O som do mar intensifica-se – dois atores erguem lentamente um tecido muito fino que ondula como o mar – a cena, embaixo da foz do Rio Amazonas – confundido pelos personagens com o mar – vai acontecer por trás deste tecido).

(Enquanto o tecido sobe – como uma maré – Maria vai galgando os degraus de uma escada – Ela não sabe nadar) (José, como que hipnotizado, vai sendo coberto pelas águas) (Duas cenas acontecem paralelamente)

MARIA (Subindo um degrau)

Que lindo... Dá no peito até alento!

JOSÉ (animado)

Vem, formosa, vem nadar que o mar tá lento...

MARIA (rindo)

Tenho medo, vai você. Não nado não!

Ao mar eu respeito, doce devoção...

Amo ver as ondas, corais e peixinhos.

JOSÉ

Dou só um mergulho, volto rapidinho.

(A maré vai lentamente subindo – Maria, sobe os degraus – José fala de baixo, até ser coberto pelas águas) (Maria, distraída, brinca com a água – súbito, surge Cazumbá, disfarçado de lavadeira) (No mesmo momento, inicia-se um canto hipnotizador, um som misterioso que atrai José – É Iara, a mãe d´água – longos cabelos de musgo)

(Música – Coco da Lagartixa – domínio público)

IARA (canta)

Eu vi uma lagartixa

Que queria namorar

Me pediu em casamento

Minha mãe não quis me dar

Ela fugiu com papai,

Suas filhas fui criar...

(Enquanto Cazumbá lava roupa – improvisa o canto – sua farsa é totalmente aparente para a plateia)

CAZUMBÁ

Eu vi outra lagartixa,

IARA (no contratempo)

Lava roupa, Sinhá!

CAZUMBÁ

Se banhando num açude,

IARA (no contratempo)

Lava roupa, Sinhá!

CAZUMBÁ

O açude estava cheio

Fui lavar-me, mas não pude

Ela sujou toda água

Ainda ficou cheia de grude!

MARIA (aplaudindo)

Que engraçado... Nunca pare de cantar.

CAZUMBÁ

Cantar torna mais leve o meu trabalhar!

MARIA

Pois não pare, que estava tão bonitinho!

IARA (sob as águas)

Eu vi uma lagartixa

Que na lagoa morou,

Que sonhava ser princesa

Por um sapo apaixonou-se

Beijou ele a vida inteira

E ele não desencantou-se[1]...

JOSÉ E IARA (Juntos)

Beijou ele a vida inteira

E ele não desencantou-se...

[1] Música do cancioneiro tradicional nordestino.

IARA

Mas olhe que sorte... pesquei um peixão!

CAZUMBÁ

Que linda moça. Que faz aqui tão cedo?

Cuide com o sol, tem pele de brinquedo...

MARIA

Meu noivo chega logo. Não tarda não.

CAZUMBÁ (malicioso)

Faz ele bem. Esse sol não faz bem não.

Ai... Deixou você sozinha o malandrinho?

IARA (atraindo José)

Chega aqui, nada pra cá, meu peixinho...

MARIA (olhando aflita para as águas)

Só um minuto, ele não vai demorar.

CAZUMBÁ

Que faz você? E se ele não voltar?

Homem é assim... Tudo meio ladino!

IARA

Vem conhecer meu mar, mar de emoção...

JOSÉ

Mulher peixão? É isso que eu vejo?

IARA

Fica pra jantar... Preparo um badejo!

MARIA

Não José!... Ele é puro de coração.

CAZUMBÁ

Ser humano puro? Não existe não!

Ora, são todos filhos do mesmo ninho...

(Gesto para barriga de Maria)

Queira desculpar... Você vai ter filhinho?

MARIA (segurando a barriga – desconversa)

Coração do homem é joia a lapidar!

Desculpe, mas de você vou discordar.

Filho de Deus tem alma de passarinho!

IARA

Posso saber o nome desse peixão?

Diz no ouvido, sou louca por um segredo...

Vamos fazer trato? Dá aqui o dedo!

(José, meio hipnotizado, estende a mão para a Iara – Esta cruza seus dedos com os dele, como quem faz um pacto, promessa de criança).

IARA

Se adivinho, você daqui não sai mais não!

Do contrário, pode ir sem maldição.

CAZUMBÁ (maldoso)

Como é meiga e doce... Ai, que bonitinho!!!

E... Tarda seu noivo... O sol já está a pino.

Vejo que o pássaro resolveu voar!!! (ri escandaloso)

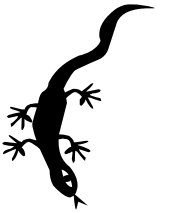
MARIA (Contrariada)

Não tarda, já disse! Já, já vai chegar...

(Maria olha para baixo, busca José em meio às águas, mas não o vê).

CAZUMBÁ (Provocativo, chama José)

Vem aqui, noivinho, vem cá, meu menino!!!



IARA

Vejamos... Se não é Jonas, é João!

Humm... Sebastião, Severino ou Pedro?

(José gesticula: não)

IARA

Conta seu nome... Já sei, se chama Alfredo!!!

(José faz menção de ir embora – Iara o segura)

IARA

Tonico? Gladison? Waldemar... Tião!!!

MARIA

José? Onde está você, meu queridinho?

CAZUMBÁ (Falso)

Não fique assim, faz mal ao nenezinho!!!

IARA

Mas que boba eu sou, custo a adivinhar...

CAZUMBÁ (exageradamente, em direção às águas)

Onde está José?

Prometeu não tardar...

IARA (com falsa surpresa)

Já sei, é José! Chega mais, meu tolinho.

CAZUMBÁ (ainda como lavadeira)

Falemos francamente... De coração.

Sou amiga, não precisa ter medo.

Trazer criança ao mundo não é brinquedo...

Se quiser me dar pra criar... (falso) Chateação...

Faço com a maior abnegação!

MARIA

Imagina uma mãe dar o seu filhinho. (pausa)

Bem queria eu ter um menininho!

Menino-anjo... Tanto beijo eu ia dar...

JOSÉ (para fora do mar)

Maria, me espera, não devo demorar.

Já vou, meu bem querer, já estou subindo!

(Efeito – som – José aproxima-se de Iara em transe)

IARA (canta)

Eu vi uma lagartixa

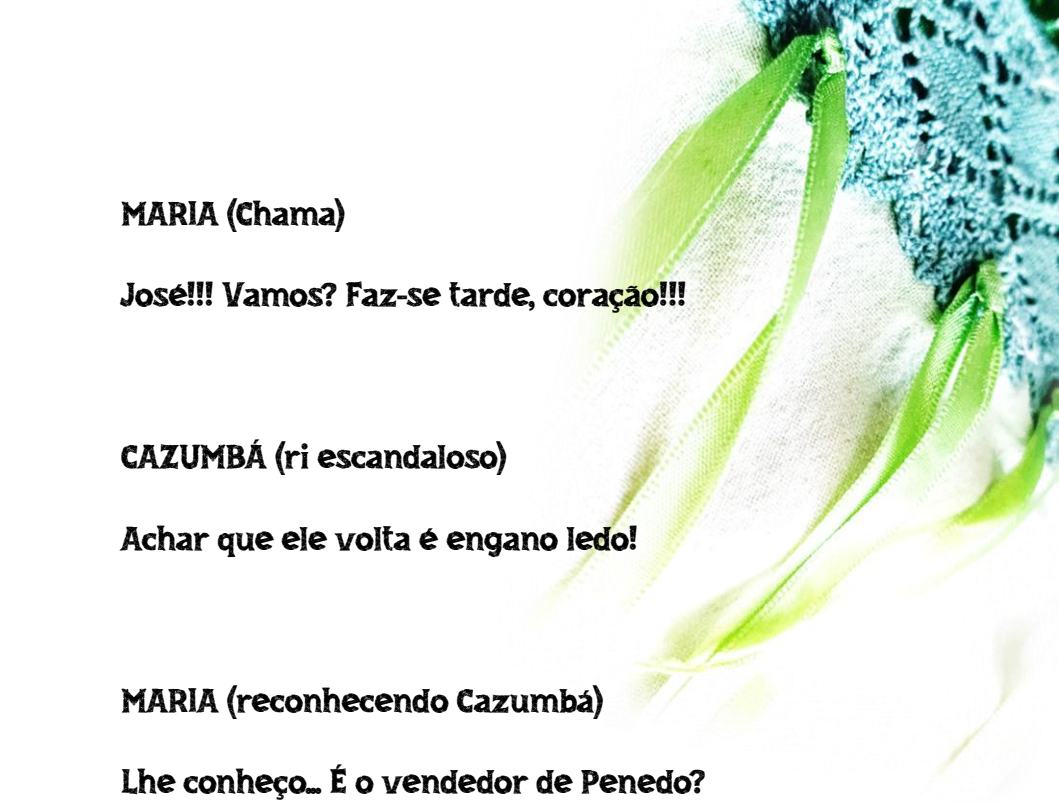
Que dizia ser donzela

Tinha sete sapos verdes

Uma rã toda magrela

Uma cobra peçonhenta

E todas eram filhas dela.



MARIA (Chama)

José!!! Vamos? Faz-se tarde, coração!!!

CAZUMBÁ (ri escandaloso)

Achar que ele volta é engano ledo!

MARIA (reconhecendo Cazumbá)

Lhe conheço... É o vendedor de Penedo?

IARA

Não se vá. Nosso trato não quebre não...

JOSÉ (saindo)

Preciso ir. Maria é minha paixão!

IARA

Desprezar meu reino, ouro? Meu carinho?

JOSÉ

Não troco meu amor por um desatino.

MARIA

Eu estou lhe conhecendo, é Cazumbar!!!

CAZUMBÁ

Não se faça de boba. Eu sou Cazumbá!!!

Ca-zum-bá!!! Me dê o tesouro ou perco o tino!

IARA

Moço assim tão fiel merece benção.

(Iara retira de dentro de seus cabelos uma Muiraquitã – Pequeno sapo esculpido em Jade – e entrega a José)

IARA

Muiraquitã: Presente que tem enredo!

Serve de proteção e espanta o medo.

Ponha no pescoço, amarrada em cordão

E onde quer que vá, por toda essa nação,

Será recebido logo com carinho,

Roupa lavada, uma cama e pão quentinho.

MARIA

Imagine só, lavar roupa no mar...

Eu que devia logo desconfiar

CAZUMBÁ

Aqui é o Mar Dulce[2], não sou tão tolinho!

IARA

Do Amazonas esta é hora da vazão.

(Iara e José se despedem – som)

MARIA (chama)

José! Se demora, os olhos até marejo.

CAZUMBÁ

Tanto melado não faz parte do enredo!

---

[2] O Rio Amazonas foi batizado de Mar Dulce pelo navegador espanhol Vicente Pinzón em 1500, no mesmo ano em que Cabral "achava" o Brasil.

(José sobe a escada onde se encontra Maria – Vai ao seu encontro, em terra firme)

(Do fundo do Rio a Iara, Mãe D´água, observa – despede-se).

JOSÉ

Estou aqui, minha flor, não chore não!

CAZUMBÁ (À Maria – Ignora José)

E então? Hã? Já tomou uma decisão?

Prometo fazer do guri um reizinho!!! (ri maldosamente)

Vai ter de tudo, ouro, prata... Dou tudinho!!

JOSÉ

Como pude eu lhe deixar!!!

Isso aí é o maldoso Cazumbá?

Sai daqui, tinhoso, senão lhe ensino.

(Cazumbá é desmascarado - Cortina de fumaça)

CAZUMBÁ (sai praguejando)

Vou lhes mostrar com quantos paus se faz uma canoa,

Quem planta vento semeia tempestade!

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando...

É de pequeno que se torce o pepino.

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura!

Antes tarde do que nunca!!!

(O Mar Dulce ou Rio Amazonas vai baixando, mas não sai de cena, é a vazante) (A Iara se vai) (José desce os degraus da escada – Maria permanece sobre esta)

(Som – sinos tocam – guizos – Maria retira a abóbora de sua barriga – José observa)

(Maria segura a abóbora, os sinos tocam – a sacoleja delicadamente, encosta seu ouvido nela, tenta adivinhar o que há dentro. Sorri, acarinha. Será mesmo um bebê, como tanto insiste Cazumbá? A cada movimento de Maria com a abóbora, um novo sino toca.)

JOSÉ

Doce flor, quer seguir? Temos precisão!

CÍRIO SANTO

MARIA

Estou tentando decifrar o segredo

De não ser capaz de entender, tenho medo.

(Os sinos intensificam-se – bolas de sabão caem do céu).

OFF (Anjo)

Para brotar, busquem terras de Pinhão!

(Surgem três devotos do Círio de Nazaré – Puxam uma corda – atravessam o palco de ponta a ponta)

MARIA (Para si – Lembra)

Pra brotar, busque terras de pinhão.

(pausa) (percebendo os devotos)

Por que tanto sofre o homem? Não atino.

Como alguém que sente fome crê no destino?

DEVOTO 2

Destino certo da fome é lamentar.

DEVOTO 1

Na fé, porém, nosso destino é encontrar

A doce certeza de não se estar sozinho.

(Os devotos terminam de atravessar o palco) (Terminam o trajeto em sons de orações ininteligíveis – é o Círio de Nazaré)

(sinos)

OFF (Anjo)

Para brotar, busquem terras de Pinhão!

MARIA

Acho que sei! Nosso destino eu já vejo.

A promessa vai brotar num vilarejo...

Fica no Sul a terra que dá pinhão.

(José dá voltas em torno de Maria com a Mulinha de Ouro)

JOSÉ (passa a mão na barriga de Maria)

Vamos partir, minha flor de rosmaninho?

Caminho é longo e o fruto tá madurinho!!!

MARIA

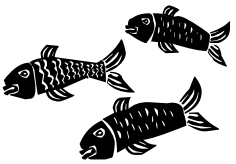
Então o bom é a gente se apressar!

Do viajante o destino é caminhar.

E juntos, nós dois, temos uma missão.

(Música - Marujada)

(Surge, de barco, cantando, um animado grupo de marinheiros – navegam a Nau Catarineta)



MARUJADA

"Lá vem a Nau Cat´rineta,

que tem muito que contar!

Ouvide, agora, senhores,

Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia,

que iam na volta do mar"

(poema anônimo romanceado)

ATRIZ

Desculpem... Aqui interrompo a história.

Deste casal, sou testemunha do amor...

À Nossa Senhora homenagem simplória:

Maria das Graças, das Dores, da Glória!

Senhora dos Passos, alguém lhe chamou,

Senhora das guias o mar acalmou!

Virgem Santa Aparecida, essa é ela.

Festa de hoje é bem pouca para tal donzela.

Cavalo Marinho, chegança iniciou!

CAPITÃO

Se querem viajar, subam na embarcação.

Minha nau é de proa, a popa festejo,

O casal quer carona pelo que vejo.

Marujo, venha ajudar, não faz feio não!

MARIA

Buscamos as terras férteis de Pinhão.

(O Marujo 1 estende a mão à Maria, ajudando-a a embarcar) (José e a Mulinha também embarcam)

MARUJO 1

Cuidado ao pisar, subam devagarinho.

CAPITÃO

Que é isso, Marujo? Meu navio é novinho!!!

MARUJO 2

Truléu léu léu, que nós vamos navegar.

Pro sul do Brasil vai a proa apontar.

Pinhão? Isso se come no Paraná!

CAPITÃO

Senhores, é nossa rota e caminho.

MARUJO 1

Tem um problema, querido capitão...

Não pescamos nem um peixe desde cedo,

Na verdade, do que digo tenho medo:

Há meses não vemos sequer um peixão!

CAPITÃO

Mas hospitalidade perdemos não:

À mesa temos pão, ainda que pouquinho.

JOSÉ

Água basta, para dar ao cavalinho...

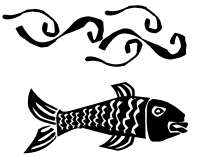
MARIA

Sonho meu de menina é nau navegar!

MARUJO 2

Preparem-se, a âncora vou içar.

Coração agora bate rapidinho...



CAPITÃO

Oh, Marujo lá do leme, orça a barca para o sul que temos na frente coroa.

(O barco dança – Navega em um doce e animado bailado) (Enquanto navegam, milagres acontecem)

(Peixes surgem com fartura)

(Já é noite quando a embarcação alcança terra firme)

MARUJO 1

Chegamos com segurança e precisão.

MARIA

Pela linda viagem eu agradeço.

MARUJO 1

Acho que tanta alegria eu não mereço,

Água nos olhos me mareja o coração.

CAPITÃO

Faz-se tarde, cuidado com a escuridão.

JOSÉ

Obrigado, achamos o caminho.

MARUJO 2

Certeza tenho de não mais ser sozinho.

Milagres desta noite não vou olvidar.

CAPITÃO

Bem-aventurado quem encontrar

José junto à Maria em seu destino.

(O barco se vai – José e Maria acenam) (Noite escura, grilos cantam, mais uma vez os sinos tocam) (A estrela que Maria leva se acende)

MARIA

José, onde estamos? Vem, me dê a sua mão.

JOSÉ (estende a mão à Maria)

Cá está! Sobe no lombo de Toledo.

MARIA (Segura a abóbora na barriga)

Está tão pesada... Deve brotar cedo...

JOSÉ

A noite é fria, achemos pouso então.

MARIA

A estrela já brilha, vamos, Alazão!!!

(Cena – José e Maria, montados em seu cavalo,

seguem caminho – Vão procurar pouso)

(Música)

PUXÃO DO MUNDO

"Queira abrir a vossa porta

Se quereis ouvir cantar

Acordai se estás dormindo

Que viemos festejar"

(Loa de abertura – domínio público)

MARIA

Dona da casa, podemos ter ninho?

DONA DA CASA 1

Tenho não, nosso quarto já está cheinho...

(Seguem caminho) (Cena se repete – José bate palmas) (A música suaviza para fala)

JOSÉ

Oh de dentro, têm pouso para nos dar?

DONO DA CASA 2

Tenho não. Mal os meus posso abrigar.

(O casal insiste ainda mais uma vez – desta vez nada falam – apenas as palmas cumprem o ritual)

DONO DA CASA 3 (como quem se desculpa)

Casa cheia! Aqui tem velho e menininho...

(Cena – Coreografia – Em vão, o casal pede o pouso)

ATOR

Sinto muito, não!

(Está quase amanhecendo – Os pássaros cantam) (Os sinos tocam)

(Maria segura o apito que ganhou de Caipora e com ele começa a emitir sons variados) (Como em cena anterior, surge Caipora)

CAIPORA

Chamou Caipora, Maria, meu alento...

Nada de medo, Caipora é atento.

MARIA

Lugar para ficar, não encontramos não.

CAIPORA (gesto - pede silêncio)

Caipora tudo sabe. Não fale não...

(Caipora, atento, escuta os sons do amanhecer – Olha ao redor – busca algo)

CAIPORA

Caipora cuida disso rapidinho.

O mundo conspira, já preparo um ninho.

Basta ao redor olhar e o sapo mostrar...

Muiraquitã... Porta aberta vão achar,

Povo daqui é hospitaleiro, benzinho.

(Caipora faz sons com seu apito, fareja – estende a mão para que José lhe entregue a Muiraquitã) (A estrela brilha – sinos)

CAIPORA

Quando chegar a hora... Onde? Importa não!

Ouço querubins cantando com o vento...

É lindo... Vai brotar o filho do tempo.

Puxão do mundo. A vida brota nas mãos.

Maria é mãe, mulher, irmã e coração.

MARIA

É hora...Coração tá pequenininho.

CAIPORA

Abre o coração, que é chegado o reizinho.

(Os sinos intensificam-se – Música)

MARIA

Eu tenho medo! Vai tudo terminar?

CAIPORA (com incontida alegria)

Que nada, é agora que vai começar!!!

Meu peito suspira... É um menininho.

(A cena tem o tom de festa – o milagre do nascimento)

(Vídeo mostra mães de várias etnias e seus bebês)

JOSÉ

As dores do mundo em uma só canção.

CAIPORA

No princípio foi o verbo neste enredo...

Depois veio a escuridão... Eu tive medo!!!

Mas o homem, dor do mundo, pôs a mão

E a história da vida fez-se emoção.

MARIA (coração em júbilo)

É o que ouço? É mesmo um menininho?

CAIPORA (ajuda Maria)

Daqui vejo o mundo inteirinho.

(amparando Maria – como parteira)

Coração de pai e mãe nunca é sozinho.

É ralo raio de sol, pra luz reinar.

A vida é delicada como um passarinho...

(Caipora sai)

(A luz baixa – ilumina-se a estrela – foco na abóbora) (Maria, delicadamente, entreabre a abóbora – choro de bebê – som misterioso seguido de silêncio absoluto)

(De dentro da abóbora surge um bebê – Maria retira seu manto e com ele o envolve – em sua cabeça permanece apenas a tiara que segurava o tecido)

MARIA

Quando eu era pequena como um botão,

Trazia papai no bolso e mamãe no coração

Depois virando moça tive um medo:

Não ver o amor desvendar o segredo! (Pausa)

Agora estou aqui mãe de gurizinho.

Em meus braços dorme um doce piazinho.

(José aproxima-se – Maria lhe entrega a criança)
(Canção de ninar)

MARIA

Teu filho, José, vem ao mundo anunciar.

JOSÉ (segura a criança como que a uma preciosidade)

Maria, você precisa descansar...

MARIA

Obrigada por todo esse seu carinho.

"ciranda cirandinha

vamos todos cirandar

vamos dar a meia volta

volta e meia vamos dar

o amor que tu me deste

em joia se transformou

o amor que tu me tinhas

uma flor desabrochou"

(cancioneiro popular)

(Súbito, em grande algazarra, com cavalinhos de pau ricamente adornados, surgem os Reis Magos – trazem presentes – um deles traz consigo a Pomba do Divino)

(Cantam – tom de alegre brincadeira)

BALTAZAR (sorriso de ponta a ponta do rosto)

Meu presente?

Minha senhora, meu patrão...

Água pura derramada em sua fronte

(derrama água na cabeça da criança)

Vale muito mais que ouro e prata aos montes.

MELQUIOR

Que posso ofertar? Humilde, não sei não...

Estrelinhas violeiras vão cantar.

Puro incenso vai a alma inundar.

Pois agora toca a Terra o divino .

MARIA

Fruto do homem, é essa a revelação...

GASPAR

E onde mais encontrar dor, paixão e medo?

A paixão do homem, este é o segredo,

Tem tudo o homem dentro do coração!

A guerra, a paz, desatino e compaixão...

JOSÉ

Quanta missão para um ser tão pequenino!

Hoje vejo nele apenas um menino.

Se amanhã o coração vai entregar,

Ou mesmo se, quando homem, vai chorar:

Isso de futuro é coisa do destino.

MARIA

Sim, hoje é festa e só comemoração!

MELQUIOR

Dia de presente, de trazer brinquedo,

Em cada lar do mundo vai haver folguedo.

Neste dia de júbilo e de oração,

Todo instrumento vai tocar canção.

BALTAZAR

Em cada capela vai tocar um sino,

Em cada peito em festa um novo menino...

GASPAR

Mas a paz é presente pra cuidar.

Como planta, tem sempre que vigiar.

Pra crescer feito o sol, o peito do menino.

(Amanhece – Os reis, a criança, Maria e José no centro da cena formam a figura de um presépio)

(Música)

(Surgem os outros personagens da história em romaria de louvor ao menino. Vão formando o presépio: Cigana – Iara – Caipora – Marinheiros – em um canto da cena, olhando acuado, em claro conflito entre sua natureza e a emoção do momento, surge Cazumbá – e no centro da cena, imponente, surge o Anjo)

(A luz vai baixando aos poucos)

(Escuro)

(Luz retorna – música)

FIM

Paula Giannini é carioc. Como escritora, transita em vários universos. Possui textos infantis – entre eles, Se Essa Rua Fosse Minha – Livro De Brincar, que, lançado pela Ed. Bambolê em 2017, integrou o Catálogo Bolonha, representando o Brasil na maior feira do gênero no mundo. Para os adultos, Pequenas Mortes Cotidianas, lançado pela Ed. Oito e Meio em 2017, foi finalista do Prêmio Oceanos de Literatura. Em 2018, lançou Uma Estrela Me Contou… História Da Arte Para Crianças, Ed. Bambolê. E em 2019, Como A Vida – Histórias E Receitas Nem Sempre Tão Doces Quanto As Sobremesas, Ed. Patuá. No mesmo ano, De Esperança, Suor E Farinha mereceu o Prêmio Dramaturgias de Pequenos Formatos Cênicos do CCSP. Em 2021, lançou Zumi Barreshti, e em 2022, Pra Você Não Esquecer, ambos com seu selo próprio, o Palco das Letras. Escreve no Blog As Contistas e para a revista eletrônica Os Imaginários.

ISBN: 978-65-999102-0-3

E onde mais encontrar dor, paixão e medo?
A paixão do homem, este é o segredo,
Tem tudo o homem dentro do coração!
A guerra, a paz, desatino e compaixão...

Incentivo:

POLÍTICA NACIONAL PNAB ALDIR BLANC

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Prefeitura de CURITIBA

Realização:

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, MINISTÉRIO DA CULTURA E GOVERNO FEDERAL